

Cenário favorece reeleição de Roriz, Alckmin e Esperidião Amin

César Felício, Jamil Nakad Junior e Marcelo de Moraes

De São Paulo e Brasília

O acaso trabalhou para que os governadores Esperidião Amin (PPB-SC), Joaquim Roriz (PMDB-DF) e Geraldo Alckmin (PSDB-SP) se tornassem os três únicos em condições de se reeleger a chegarem ao fim do mandato em situação política mais confortável do que em seu início. Eleito vice em 1998, Alckmin tem a sua imagem inteiramente associada ao falecido governador Mário Covas, a quem substituiu em várias fases do atual mandato até a morte de Covas em março do ano passado. Vencedor, com extrema dificuldade, da disputa paulista em 1998, o PSDB foi beneficiado com o acelerado processo de desgaste do seu principal rival, o ex-governador Paulo Maluf (PPB), atingido pelo fracasso da administração do partido na prefeitura de São Paulo e por uma onda de denúncias de corrupção.

Hoje, apesar de estar em segundo lugar nas pesquisas, Alckmin já reúne o apoio do PFL, PTB e PPS e é favorito em um eventual segundo turno contra Maluf. Em Santa Catarina, Esperidião Amin já teve uma eleição fácil para o governo do Estado em 1998 e reforçou sua força política ao longo dos quatro anos com a reeleição de sua mulher, Ângela Amin, para a prefeitura de Florianópolis e com a dificuldade de seu maior opositor, o prefeito de Joinville, Luís Henrique, do PMDB, em sair do isolamento e montar uma aliança partidária.

Quatro anos depois de ter vencido uma disputa duríssima para chegar ao governo do Distrito Federal, Joaquim Roriz (PMDB) deverá encontrar um quadro bem mais favorável para chegar à reeleição. Em 1998, Roriz chegou a perder o primeiro turno para o então governador Cristovam Buarque (PT), mas reverteu a desvantagem e se elegeu por uma diferença de apenas 36.230 votos — equivalente a pouco mais de três pontos percentuais.

Agora, Roriz é beneficiado pela ausência de adversários. Cristovam decidiu disputar uma cadeira ao Senado e o PT lançou a candidatura do deputado federal Geraldo Magela, mas não tem conseguido ameaçar a reeleição do governador, segundo as pesquisas de intenção de voto. O ex-senador Luiz Estevão, do PMDB, que era visto em 1998 como um grande obstáculo para a reeleição do governador, terminou cassado. O ex-senador José Roberto Arruda, que disputou o governo do Distrito Federal pelo PSDB há quatro anos e conseguiu 20% dos votos, teve que renunciar para não perder seus direitos políticos. Outro possível rival, o ex-deputado distrital Renato Rainha, do PL, saiu da disputa ao ser nomeado por Roriz para o Tribunal de Contas local.

Muito criticado ao término do seu primeiro governo — encerrado em 1994, quando Cristovam se elegeu — Roriz ficou conhecido pela política de intensa distribuição de lotes, leite e pão para atrair o apoio

dos habitantes mais pobres. Na pesquisa do Datafolha, o governador tem bom desempenho eleitoral entre os menos escolarizados (63%) e entre os que pertencem às classes D e E (61%).

Entre os que não podem se reeleger, o governador do Tocantins, José Wilson Siqueira Campos (PFL), pode ter problemas para manter a sua hegemonia no Estado não por falta de força política, mas pela lei de inelegibilidade. O mais forte candidato à sua sucessão, seu filho, o senador Eduardo Siqueira Campos (PSDB), é inelegível. Siqueira irá disputar o Senado, junto com Eduardo, que se recandidatará ao posto mesmo tendo mais quatro anos de mandato. O objetivo é abrir espaço para a irmã e suplente, Thelma Siqueira Campos, do PPB. Apesar da força dos Siqueira, a família já mostrou ter dificuldade em transferir votos para quem está fora do clã.

Os governadores do Mato Grosso, Dante de Oliveira (PSDB), do Amapá, João Capiberibe (PSB) e da Paraíba, José Maranhão (PMDB), devem ter uma eleição tranquila para o Senado, mas talvez não façam seus sucessores, em razão de divisões internas nas alianças que os elegeram. Em Rondônia e Roraima, a falta de definição do quadro eleitoral torna difícil o prognóstico sobre a chance do governador José Bianco (PFL) de se reeleger. Em Roraima, Neudo Campos (PFL) deve sair do governo para o Senado, mas há dúvidas se elegerá o sucessor.